

ALINE DECHANDT KOWALEWSKI DE SOUZA

**O TOCAR:
A RELAÇÃO AFETIVA ENTRE O HOMEM E SEU CÃO.**

Faculdade de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica

São Paulo

- 2008 -

ALINE DECHANDT KOWALEWSKI DE SOUZA

**O TOCAR:
A RELAÇÃO AFETIVA ENTRE O HOMEM E SEU CÃO.**

Trabalho de conclusão de curso como exigência
parcial para graduação no curso de Psicologia, sob
orientação da Prof^a Dr^a Marina Pereira Gomes.

Faculdade de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica

São Paulo

- 2008 -



*Dedico todos meus esforços à Bella e ao Joca,
meus queridos companheiros de quatro patas,
por presentarem-me com seu amor incondicional,
que me estimulou a desenvolver este trabalho.*

Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que sempre estiveram presentes em todos os momentos de tristeza e alegria e trilharam estes últimos anos ao meu lado. Àqueles que acolheram com paciência e carinho as minhas idéias e meus conflitos pessoais. Àqueles que me acalmaram nos momentos de ansiedade e nervosismo, me incentivando a continuar sempre em frente.

Um agradecimento especial a mim mesma por levantar todas as vezes que caí, mas principalmente por ter coragem de cair, pois são nesses momentos que crescemos, nos transformamos e nos descobrimos.

“Acredito que, ao vivermos a vida com uma consciência mais ampla do próprio ser, poderemos ter muitos benefícios, e certamente isto envolverá outras pessoas. Essa conexão entre o relacionamento humano e o meio no qual ele vive é a grande virada para esse milênio. Assumir valores reais, que há muito se perderam com a alta tecnologia desenvolvida hoje em dia, é a chave para esses momentos mais difíceis dos quais nos aproximamos.

“Considero que a natureza e seus seres são dádivas que recebemos. Se compararmos o tamanho de tudo isso com a nossa pequenez, com nossos problemas diários, iniciaremos ciclos de entendimento em nossas etapas da vida e seremos capazes de viver com mais qualidade. Se soubermos reconhecer a grandiosidade do que nos cerca, teremos grandes chances de viver com mais integridade e caminhar para uma vida melhor.

“Nossa sociedade vive hoje um grande momento no qual a tecnologia pode ser um dos mais ricos instrumentos para uma humanidade mais feliz, mas sozinha não poderá cumprir seu papel por inteiro. É aliada ao elemento humano e à sua relação positiva com a natureza que poderá plenificar a vida.

“A humanidade, através dos tempos, tem tentado prolongar a vida e melhorar a saúde, mas o lado afetivo e os sentimentos do homem têm se perdido em meio a tantos problemas sociais da vida moderna. A melhoria do estado mental, físico e o bem-estar social é um objetivo claro que todos nós almejamos, mas que até o momento não conseguimos conquistá-lo.

“A vida nos traz grandes sonhos, mas ainda não os vivemos em sociedade, isto é, cada um de nós pode estar vivendo esses sonhos isoladamente dentre de seus lares, com relações afetivas verdadeiras, que também estão presentes na relação com os animais. Não extrapolamos essas relações para o exterior, pois julgamos uma ameaça para nós. É nesse sentido que devemos repensar e mudar nossas atitudes.”

ALINE DECHANDT KOWALESKI DE SOUZA: *o Tocar: A Relação Afetiva Entre O Homem E Seu Cão*, 2008.

Orientador: Prof^ª Dr^ª Marina Pereira Gomes.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a relação afetiva entre o cão e seu dono, frente às necessidades táteis deste. O cão foi escolhido por ter sido esta uma das poucas ligações mantidas pelo homem ao longo da evolução da sociedade.

No início da civilização, a interação tátil era de extrema importância para o ser humano, porém, ao longo do processo evolutivo da sociedade ocidental, o homem passou a valorizar os “sentidos de distância” – visão e audição – e, conseqüentemente, nos tempos atuais, esta interação remete a um modo primitivo de se viver.

O cão foi o primeiro animal de estimação domesticado pelo homem. Essa relação foi facilitada pelas semelhanças na estrutura social de ambos, a formação de família/matilha, e trouxe vantagens adaptativas, pois o cão ajudava na caça e na proteção, enquanto o homem oferecia comida e abrigo. Acredito que quando o homem ocidental apresenta dificuldades em ter relações táteis livres de críticas sociais, pode encontrar essa possibilidade na relação com o animal de estimação.

Este trabalho discorre sobre a origem do cão doméstico, a simbologia do cão, a Terapia Assistida por Animais (TAA) e o desenvolvimento emocional através do toque.

Através deste estudo, pesquisei sobre a relação que o homem estabelece com seu cão de estimação e suas relações afetivas, em que o toque está presente. Para tanto, solicitei a dois sujeitos um relato de vivência frente seu relacionamento com seus cães de estimação. Pude concluir que a percepção, a consciência de si-mesmo e as relações sociais do sujeito, sofreram melhoras qualitativas significantes.

Palavras-Chave: relação homem-animal de estimação; relações de toque; psicologia fenomenológica existencial.

SUMÁRIO

RESUMO	1
INTRODUÇÃO	3
I. A origem do cachorro de estimação	3
II. A simbologia do cão	5
III. O cão como transformador – Terapia Assistida por Animais (TAA)	7
IV. O tocar no desenvolvimento emocional.	9
FUNDAMENTOS TEÓRICOS	14
- O ser no mundo	14
MÉTODO	17
- Objetivo	17
- Participantes	17
- Instrumento de coleta	18
- Local de coleta	19
- Tratamento dos dados	19
RESULTADOS	21
- Entrevista do primeiro sujeito (C.R.M.)	21
- Entrevista do segundo sujeito (K.N.G.)	26
DISCUSSÃO	31
CONCLUSÃO	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36
ANEXOS	37
- Anexo I – Entrevista de C.R.M.	38
- Anexo II – Entrevista de K.N.G.	42

INTRODUÇÃO

I. A origem do cachorro de estimação

O primeiro animal domesticado pelos homens foi o cachorro – *Canis lupus*, ancestral do *Canis familiares* –, há mais de 100 mil anos. Acredita-se que os lobos se aproximavam dos agrupamentos humanos, antes mesmo da descoberta da agricultura, por causa dos restos de alimentos. Os homens acabavam criando alguns deles, os mais agressivos eram mortos e os mais mansos e submissos ficavam no grupo e cruzavam com outros também mansos e assim foi evoluindo para o cão doméstico como o conhecemos hoje. Segundo Clutton-Brock (1997 – *apud* Lantzman, 2004), o surgimento do cão doméstico estaria associado à co-evolução com o ser humano. Essa relação trouxe vantagens adaptativas para ambas as espécies, o lobo ajudava na caça, na defesa de território e na proteção, em troca de comida e abrigo.

Segundo Cerqueira (2007, p. 58) citando Miklósi, a domesticação se iniciou há cerca de 25 mil anos, época em que o lobo foi gradualmente saindo da vida selvagem e tornando-se doméstico. O cão, como o conhecemos hoje, existe há cerca de 15 mil anos. A evidência arqueológica mais antiga, datada de 12 mil anos atrás, foi encontrada num túmulo em Ein Mallaha em Israel, onde uma mulher idosa foi enterrada junto de seu cão, com o cuidadoso gesto de colocar sua mão esquerda em cima do animal, um sinal de profundo afeto (Manna, 1996).

O etólogo Lantzman (2004) comenta sobre a evolução comportamental do lobo para o cão doméstico. Na relação com o homem, o comportamento agressivo do cão, como reação a situações desencadeadoras de stress, diminuiu, aumentando a docilidade, e reduzindo o medo em relação ao homem. Com isso as capacidades de formação de vínculos e de se ajustar às condições ambientais e sociais aumentaram e mesmo na vida adulta o cão passou a apresentar comportamentos infantis (neotenia). Com essas mudanças ocorreu um aumento da adaptabilidade canina, pois assim aumentou o sucesso reprodutivo da espécie.

Lantzman (2004) afirma que o cão adquiriu um papel de destaque nas sociedades humanas, fazendo do cachorro de estimação o foco de fortes vínculos afetivos. Os etólogos P. Bernard e A. Demaret (*apud* Delarissa & Mattioli, 2007) apontam que essa relação se mantém por motivações pessoais e por razões da evolução da própria espécie humana, pois o homem guarda traços comportamentais herdados dos caçadores-coletores. A motivação das mulheres de alimentarem os filhos nos primeiros anos de vida, a tendência de cuidar e acariciar outros membros do grupo são exemplos desses comportamentos.

Páramo & Mejía (2004) concluíram que os animais representam o maior vínculo do homem com a natureza, em comparação à paisagem e plantas, ao observarem crianças em atividade livre no Central Park. Perceberam como benefícios deste vínculo, suporte emocional, segurança, melhora na auto-estima, na recuperação física e mental. Concluem que isto resulta da inclinação nata que o homem tem de se aproximar de elementos da natureza e refletir as vantagens adaptativas de interagir com os mesmos.

Os laços afetivos entre essas duas espécies foram facilitados pelas semelhanças na estrutura social do ser humano e do ser canino. Apesar da organização social humana ser mais complexa, ambos apresentam um comportamento social caracterizado pela formação da família – ou matilha, para os cães –, o que facilitou, também, a comunicação entre eles, pois, assim como na sociedade humana, na matilha existe uma hierarquização, exigindo que os indivíduos identifiquem as emoções dos outros membros do grupo. O cão apresenta a mesma necessidade de se ligar a um outro e adotá-lo como referência, assim como o homem, diz Fuchs (*apud* Teixeira, 24 de janeiro de 2007 – p. 70).

Por uma questão de sobrevivência, os homens escolhiam os cães mais mansos e submissos e principalmente os que permitiam um entendimento mútuo, refinando a capacidade de ambos para interpretar o humor e as reações um do outro. Assim, o homem encontrou no cão o alívio de poder tocar irrestritamente, pois este se oferece ao cafuné, beijos e abraços. Fuchs (1997) acrescenta ainda que essa relação de vivências emocionais também é uma ponte, e a mais utilizada pelos homens, para o religar-se à natureza.

II. A simbologia do cão

Os animais estão presentes através dos milênios na história da espécie humana, apresentando diversos significados para a cultura. São símbolos dos princípios e das forças cósmicas, materiais ou espirituais. Dizem respeito aos três níveis do universo: inferno, terra, céu. Estão presentes nos signos do Zodíaco, como energias cósmicas; nos deuses egípcios apresentam cabeças de animais; e o Espírito Santo, é simbolizado por uma ave, a pomba branca.

Em sua qualidade de arquétipo, os animais representam as camadas profundas do inconsciente e do instinto. Dotti (2005) oferece a explicação de arquétipo para Jung: o arquétipo é como uma herança ancestral, uma manifestação simbólica do inconsciente coletivo, independente da cultura, e está presente em todos os indivíduos. Pode manifestar-se através de religiões, mitos, contos de fadas e fantasias.

O animal presente no interior do homem é a libido, um conjunto de forças profundas que animam o ser. Porém foi alvo de moralismo judaico-cristão, principalmente a partir da Idade Média, sendo visto como a parte satânica no homem. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2008), esse pensamento foi suspenso com o surgimento da psicologia, como a de Jung, que expressa a importância da integração do animal simbólico no conteúdo psíquico do homem, por que o animal é a psique instintual do homem e se não for reconhecido e integrado, pode tornar-se perigoso. “A aceitação da alma animal é a condição da unificação do indivíduo e da plenitude de seu desabrochamento” (Jung, 1964 - *apud* Chevalier e Gheerbrant, 2008, p. 57)

Os autores acreditam que a materialização de seus complexos psíquicos e simbólicos, hoje em dia, estão representados na popularidade dos animais domésticos, principalmente os de estimação que não são apenas criados, eles são adotados. Isso ocorre por identificação com suas características. O cão, por exemplo, simboliza a expressão da amizade, proteção, fidelidade, fertilidade e também da ferocidade. Sua manifestação se deu

através de muitas civilizações que o representaram como deuses, protetores, guardiões e até algumas vezes a representação da fera contida no interior do homem.

Na literatura, os animais estão presentes em lendas, fábulas e contos de fadas, muitas vezes, representados de maneira humanizada, relacionando comportamentos, virtudes e características humanas a animais aparentemente com os mesmos traços. O animal, nessa forma humanizada, se remete à pureza da infância e sentimentos mais nobres, representa a paz, o respeito, a fidelidade, a amizade, a companhia, a responsabilidade, a sabedoria, o amor, a liberdade, a força.

Os animais também estão presentes no percurso espiritual da humanidade, pois a origem do homem e de seus instintos tem vínculo com a natureza animal, como contemplação a algo superior. No início, os animais representavam alimento, vestuário e poder de conquista, depois status de tribos, conferindo força e poder. Seus espíritos eram evocados em cerimônias, representando sabedoria e força para a cura. Com o tempo passaram a representar divindades que aproximavam-se do homem para ajudá-lo em sua jornada terrena e espiritual. No antigo Egito, assumiram formas de deuses, que misturando-se com os homens, formavam seres híbridos, semi-humanos. Estes eram reconhecidos como a esperança de alcançar a evolução do espírito, e por meio deles ter um exemplo de perfeição e do caminho para se chegar a ela.

O cão em toda a mitologia sempre foi ligado à morte; a primeira função mítica do cão é de guia do homem na noite da morte, após ter sido companheiro no dia da vida. Os Guias de Almas são representados com seu rosto, como Anúbis, Thot, Hermes. Os gregos acreditavam que os cães eram capazes de curar doenças e os criavam como terapeutas auxiliares em seus templos de cura. Asklepios, principal divindade curativa, estendia seus poderes a cães sagrados. A crença era que uma pessoa cega poderia voltar a enxergar imediatamente depois de ser lambida por um cão sagrado. Na época medieval também havia a crença de que, se uma pessoa pudesse ficar louca, ela deveria carregar um cão para prevenir-se desse acontecimento.

III. O cão como transformador – Terapia Assistida por Animais (TAA)

O cão é visto como curador desde as primeiras civilizações. Atualmente existem atividades que utilizam o animal como instrumento de ajuda em diversas situações.

A Terapia Assistida por Animais (TAA) aponta a importância do cão na relação com o ser humano. A TAA envolve serviços profissionais, principalmente da área da saúde, que utilizam o animal como parte do trabalho e do tratamento. É dirigida e desenhada para promover a saúde física, social, emocional e/ou funções cognitivas.

O presidente da Organização Brasileira de Interação Homem-Animal Cão Coração (OBIHACC), Jerson Dotti (2005) aponta dois enfoques importantes da TAA: os efeitos dos animais sobre os pacientes nos aspectos físico e mental, que devem ter o acompanhamento de profissionais; e os efeitos sobre os aspectos emocionais e sociais, que geralmente ocorrem de maneira espontânea e inesperada, gerados apenas pela presença do animal.

Esse trabalho é muito reconhecido nos EUA, onde há lista de espera de mais de cem entidades aguardando a TAA, mas não existem suficientes equipes qualificadas para atender à demanda. No Brasil, a situação tem escalas proporcionais, porém está aumentando o reconhecimento por parte de muitas entidades. Dotti (2005) acrescenta que nem todos os animais oferecem os mesmos resultados para as mesmas pessoas. Existem variações nos programas de acordo com a classe de pessoas, internados e institucionalizados, as atividades de cuidados e os animais diferem para cada programa, mas o cão é geralmente o mais utilizado.

O grande eleito é o cachorro devido suas características peculiares de inteligência e percepção, possuindo elementos surpreendentes em situações inesperadas. O animal é um facilitador para terapia, servindo de ponte entre o tratamento e o paciente. Dotti (2005) afirma que o vínculo com o cão parece ser mais forte, pelas experiências no decorrer da história da humanidade, como se este vínculo ficasse impregnado no homem e fizesse a ligação entre o mundo exterior e o interior do homem. “É aquela parte de todos nós que

ainda não está contaminada por conceitos, imposições, é espontânea e de algum modo transforma sentimentos” (p. 34).

O autor acredita que o trabalho regular estimula a recuperação dos pacientes, proporcionando alívio e quebra de rotina. Apresenta o caso de uma senhora de 69 anos que apresentava problemas neurológicos, nem sequer abria os olhos. Um dia um dos cães insistiu pelo carinho da senhora, puxando sua mão com o focinho para acariciar sua cabeça. A senhora abriu os olhos, sorriu e chorou muito. Depois desse dia ela passou a se envolver com o mundo exterior, na presença de um cachorro, melhorou sua saúde e aceitou novos tratamentos. Hoje ela anda, fala e se alimenta melhor. O autor afirma que, com a ajuda dos animais, é possível dissipar emoções que não fazem bem, possibilitando encontrar novas formas de viver.

Dotti (2005) fala sobre a importância dos animais para a terapia:

Quando espontaneamente incentivamos a pessoa a se relacionar com o animal, estamos tornando possível o início de uma comunicação valiosa, mesmo que esta não seja verbal, seja gestual ou tão-somente perceptível ao olhar. Aos poucos nos mostrará os melhores caminhos para alcançarmos os objetivos propostos a partir das respostas da pessoa que está sendo tratada. Nesse momento, podemos aliviar as dores físicas e emocionais, tirar a tensão da pessoa, livrando-a das angústias e agindo positivamente nos aspectos emocionais. O animal tem o poder de trazer momentos relaxantes, fazer sorrir, fazer feliz. (Dotti, 2005, p. 34).

IV. O tocar no desenvolvimento emocional.

A pele é o órgão mais antigo, extenso e sensível do corpo e foi o primeiro meio de comunicação do ser humano com o meio-ambiente. Recobre todo o corpo, tanto por fora quanto por dentro (orifícios). A pele, principalmente a do rosto, registra os acontecimentos da vida, tornando-se uma memória de experiências. A pele não comunica apenas os estímulos externos, mas também os internos, e através de cor, textura, umidade, reflete o estado psicológico e fisiológico do ser. “Empalidecemos de medo e enrubecemos de vergonha. Nossa pele formiga de excitação e adormece diante de um choque; é espelho de nossas paixões e emoções” (Montagu, 1971, p. 30).

O tato foi, provavelmente, o primeiro dos sentidos a surgir no ser humano; este originou os outros quatro e possibilitou a diferenciação e o conhecimento do resto do ambiente. Sem ele o ser humano não pode sobreviver, pois a pele pode compensar a falta dos outros sentidos, mas a falta deste sentido pode levar à morte, por não perceber os perigos. Pessoas com *alalgia cutânea* – falta de sensibilidade de dor na pele – demoram para tomar consciência de queimaduras e outros tipos de lesões.

Experiências de estimulações táteis em ratos de laboratórios, realizadas por Frederick S. Hammett (*apud* Montagu, 1971), no Instituto Wistar de Anatomia, na Filadélfia, mostraram que os ratos acariciados eram mais seguros, dóceis e melhor desempenhados; tal contato possibilitou também a sobrevivência desses animais, mesmo após a remoção de importantes glândulas endócrinas. Isto mostra que o toque é uma necessidade biológica para o desenvolvimento, tanto fisiológico quanto comportamental.

Montagu (1971) mostra que porcos-espinhos dependem de suas pulgas para sobreviver, pois como não podem estimular-se a si mesmos, necessitam de alguém que faça isso por eles; portanto, sem as pulgas, não sobrevivem por muito tempo. O autor também investiga sobre as lambidas que os mamíferos oferecem a seus filhotes ao nascerem como uma questão de sobrevivência, caso contrário eles morrem de defeito no sistema

geniturinário ou no gastrointestinal. A estimulação cutânea em recém-nascidos tem uma ótima influência sobre o sistema imunológico

Fuchs (1997) comenta que a estimulação corpórea é uma necessidade instintiva e primária, tanto para os homens quanto para animais sociais. Diz que o corpo do outro se constitui em fonte de apoio, conforto e prazer. Este contato ocorre em diversos momentos entre os mamíferos, como na estimulação intra-uterina, nas lambidas da mãe para limpar ou ajudar a defecar, aconchegar, confortar, também no contato com o corpo da mãe e dos irmãos. Montagu (1971) afirma existir evidências de que as mães também necessitam do contato com o filho após o parto, para melhor recuperarem-se, tanto nas funções psicológicas quanto fisiológicas (interrupção da hemorragia, contração do útero, desligamento da placenta). Acredita ser provável que a estimulação tátil seja fundamental para desenvolver relacionamentos emocionais e afetivos saudáveis, pois a pessoa aprende a amar não por instruções, mas sendo amada.

Porém, na cultura ocidental, uma sociedade com escassez de contatos corpóreos, os seres humanos, apesar de terem essa necessidade, tornaram-se socialmente intocáveis. A sociedade, durante a sua formação, transformou o toque entre as pessoas num gesto não muito bem aceito, o que pode favorecer a pessoa buscar essa proximidade na relação com o animal doméstico (Fuchs, 1997). O que se busca é um vínculo sem sentimentos hostis, julgamento e crítica, que apresente amor incondicional sem limites ou barreiras (Barreto, 2002). Nas metrópoles modernas, em que as pessoas tendem a ter menos filhos, o animal de estimação preenche uma lacuna afetiva importante (Teixeira, 2007, p. 74).

Montagu (1971) aponta que a sociedade ocidental negligenciou os sentidos e relaciona-se melhor com bens de consumo do que com seus semelhantes. Não utilizar qualquer um dos sentidos é reduzir a dimensão de realidade e assim produz-se uma sociedade de palavras sem toque, sem graça, um mundo árido. O mundo ocidental decidiu-se por utilizar os “sentidos de distância”, visão e audição, e afastou os “sentidos de proximidade”, paladar, olfação e tato.

Fuchs (1997) aponta que a comunicação verbal e visual são predominantes na interação humana e os homens acabam por se frustrarem na busca de relações táteis, tão cheias de críticas e limitações vindas da sociedade. Montagu (1971) acredita que se dedicar às experiências táteis beneficia a re-humanização, pois em uma sociedade de intocáveis, as pessoas tornam-se seres inautênticos, sendo o que os outros esperam que sejam e inseguros de quem realmente são. Se o ser humano utilizasse a linguagem dos sentidos, como os cães que utilizam os cinco sentidos na comunicação entre si, ampliaria a compreensão do homem sobre o outro e o mundo em que vive.

O distanciamento dos sentidos pode ser percebido no histórico de cuidados com o bebê. Os primatas têm necessidade de agarrar-se, diferentemente dos outros mamíferos que já nascem suficientemente desenvolvidos para ficarem sozinhos no lar feito pela mãe ou para acompanhar os pais ou até mesmo sobreviverem por si próprios. Os primatas agarram-se às mães numa necessidade de fuga ou quando sentem medo ou ansiedade.

Como eles, o bebê humano também pendura-se à sua mãe, principalmente ao seu cabelo. Porém, diferentemente de sociedades primitivas, os bebês ocidentais choram muito, pois, ao invés de ficarem tempo integral ao lado da mãe, são colocados em berços estáticos, onde ficarão sozinhos e chorarão de solidão (Montagu, 1971). Os esquimós, os africanos de Ganda e outras sociedades primitivas, carregam seus filhos junto ao corpo, durante os primeiros meses de vida, numa espécie de bolsa amarrada às suas costas. Richard James De Boer (1969 – *apud* Montagu, 1971) morou com esquimós Netsilik durante quase um ano e observou que são um povo extremamente sereno, agradável e altruísta. De Boer atribuiu isto ao costume de manter o bebê próximo ao corpo da mãe no início de sua vida, pois nessa relação a criança tem suas necessidades atendidas prontamente pela mãe, não causando perturbações ao bebê.

No entanto na sociedade ocidental, além da tradição cristã ter tabus relacionados à tatilidade interpessoal (Montagu, 1971), por volta de 1880, os profissionais da saúde diziam ser perigoso satisfazer os filhos exageradamente. Logo após, as autoridades proibiram o berço-embaladeira – pequeno, com leve embalo, aconchegante –, trocando pelo berço

estático – grande, solitário, semelhante a uma cela de prisão –, afirmando que era uma prática arcaica, nada moderna. Emmett Holt, médico (*apud* Montagu, 1971), escreveu um livreto, espécie de guia, para educar as mães a cuidarem de seus bebês, e dizia ser inútil e às vezes prejudicial embalar as crianças, pois poderia se tornar uma prática viciosa.

No início do século XX, um behaviorista, John Broadus Watson, escreve:

*existe uma maneira sensata de tratar as crianças... Nunca as abrace, ou beije, ou deixe que sentem em seu colo. Se for preciso, beije-as uma só vez na testa quando elas dizem boa-noite. Pela manhã, cumprimentem-nas dando as mãos. Se se saírem extraordinariamente bem diante de uma tarefa difícil, dêem-lhes um tapinha leve de aprovação na cabeça. Experimentem. No prazo de uma semana, vocês perceberão como é fácil ser perfeitamente objetivo com os filhos e, ao mesmo tempo, carinhoso. E ficarão profundamente envergonhados do modo sentimental e enjoativo como vinham até então lidando com eles (Watson, *apud* Montagu, 1971, p. 151).*

Este tratamento com as crianças aponta para o grande afastamento que a sociedade sofreu nas relações táteis. No entanto, é possível perceber conseqüências saudáveis do toque, a importância da estimulação tátil, não só durante a infância, mas em todas as fases da vida, o quanto as experiências táteis são fundamentais para o desenvolvimento de um ser e para a percepção do próprio limite e consciência corporal.

É através do afeto transmitido pelo tato que a pessoa torna-se capaz de relacionar-se profundamente e sentir-se segura, satisfeita e amada, pois é isso o que significa tocar. “Quando percebemos nossas afeições espontâneas por um animal, podemos traçar um comparativo do que podemos também exteriorizar para os seres humanos – lealdade, amizade, amor e socialização.” (Dotti, 2005, p. 12).

A partir dessa reflexão, surge a questão que este trabalho pretende responder. O homem, através do vínculo com seu cão e suas relações de toque com este, consegue melhorar a qualidade de suas relações afetivas com os outros e consigo próprio?

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

– O ser no mundo

Rollo May (1993) relata sobre a compreensão do ser humano, apontando a importância dos mundos de uma pessoa para a busca do ser. É necessário, para compreender uma pessoa, antes, compreender seu mundo. Diz que, na opinião de Kierkegaard, Nietzsche e outros existencialistas, o homem ocidental moderno apresenta ansiedade e desespero por conta da sua perda do senso de ser e de perda de seu mundo. O homem do século vinte está alienado não só do mundo humano, mas sofre angustiadamente por estar tornando-se indiferente do mundo natural.

Para os existencialistas, a pessoa e seu mundo são uma estrutura unitária, completa e dinâmica, no qual o ser consciente planeja e projeta. Ambos só existem juntos e só são compreendidos através do outro. Para se compreender o mundo de alguém, não basta descrever o ambiente, pois “não existe somente um espaço e um tempo, mas sim tantos espaços e tantos tempos quantos forem os sujeitos” (Binswanger, *apud* May, 1993, p. 135).

May (1993) esclarece o significado do mundo de um ser:

O mundo é uma estrutura de relacionamentos importantes na qual uma pessoa existe e de cujo plano participa. *Assim, o mundo inclui os acontecimentos passados que condicionam minha existência e toda a enorme variedade de influências determinantes que operam em mim. Influências que operam da forma como eu me relaciono com elas; tenho consciência delas, carrego-as comigo, moldando, inevitavelmente formando, construindo-as a cada minuto da relação. Estar consciente do próprio mundo significa, ao mesmo tempo, planejá-lo.* (May, 1993, p. 135)

O autor aponta a presença de três mundos distintos, que caracterizam os aspectos da existência do ser, como um ser no mundo: *Umwelt* – o mundo circundante; *Mitwelt* – a relação com o mundo; *Eigenwelt* – a relação com o mundo próprio.

Umwelt é o mundo biológico, o ambiente, o mundo dos objetos ao redor, o mundo natural. Está presente em todos os organismos, para animais e homens abrange necessidades biológicas, impulsos, instintos. É o mundo das leis e ciclos naturais (dormir-acordar, nascer-morrer), ao qual o organismo deve ajustar-se e adaptar-se.

Mitwelt é o mundo dos seres de um mesmo tipo, o mundo dos semelhantes, mundo dos inter-relacionamentos entre os seres humanos. Entre os animais existe o instinto de manter o ambiente constante, já entre os humanos a interação é mais complexa, porque a importância de cada indivíduo do grupo depende do próprio relacionamento individual da pessoa com o grupo. O ajustamento e adaptação do *mitwelt* é diferente do *umwelt*, pois ao tentar ajustar o outro ou se ajustar ao outro este deixa de ser indivíduo e passa a ser objeto. “A essência do relacionamento é que no contato ambas as pessoas apresentam uma mudança” (May, 1993, p. 141), porque o relacionamento é um processo de percepção mútua, afetado pelo contato.

Eigenwelt é o mundo do relacionamento consigo mesmo, da auto consciência, da percepção de si mesmo, do auto-relacionamento e só está presente entre os humanos. Porém não é apenas uma experiência subjetiva, interior, é o modo como enchemos o mundo real, é o alicerce dos relacionamentos, a percepção do que o mundo significa para a pessoa. No conceito ocidental, da relação sujeito-objeto, falar sobre um objeto sem opinião pessoal, sem colocar-se com importância para a percepção de algo, é torná-la mais verdadeira. Porém isso é deixar o *eigenwelt* esquecido, contribuindo para aridez intelectual, perda da vitalidade e perda do senso de realidade em suas experiências. Nas palavras de May (1993) “Quanto mais se amplia a verdade objetiva, mais diminui nossa certeza interior” (p. 9).

Esses três mundos se inter-relacionam e se condicionam sempre uns aos outros, pois o ser humano vive em umwelt, mitwelt e eigenwelt simultaneamente. São mundos distintos, no entanto, relacionam-se por serem maneiras diferentes de ser no mundo. Mas esta realidade se perde se um desses mundos é excedido a ponto de excluir um outro, se, por exemplo, o eigenwelt for omitido do mitwelt, as relações interpessoais tornar-se-ão superficiais e estéreis. Por isso é exigido que o indivíduo seja interpretado nos três mundos – o mundo do impulso biológico, destino e determinismo (Umwelt); o mundo de responsabilidade para com o semelhante (Mitwelt); e o mundo no qual o indivíduo pode ser consciente de si mesmo (Eigenwelt).

MÉTODOS

Objetivo:

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a relação afetiva do cão e sua dona e se, através deste vínculo e de suas relações táteis, consegue melhorar a qualidade de suas relações afetivas, com os outros e consigo próprio.

Participantes:

Considereei alguns aspectos como necessários para atender o objetivo desse trabalho. Era necessário que o vínculo com o cachorro estivesse estabelecido com as participantes, sendo as cuidadoras principais, para que a relação entre ambos fosse direta. A aquisição de seus animais de estimação deveria ter ocorrido há pelo menos quatro anos, tempo este necessário, para que tivessem estabelecido uma vinculação significativa com seus cães.

Para encontrar sujeitos que apresentassem esses aspectos, perguntei a conhecidos se conheciam alguém com essas características. Entrei em contato com alguns que aceitaram participar. E por fim selecionei apenas duas pessoas, pois considereei que, poucos participantes, estaria mais de acordo com o método de estudo que eu havia escolhido, o relato de vivência, para que eu tivesse um maior envolvimento com cada relato.

A pesquisa foi realizada com duas mulheres, donas de cachorros: C.R.M. e K.N.G.

– Primeiro sujeito: C.R.M. – 27 anos. – Mora com o namorado, há três anos. Há um ano estão noivos, com o casamento marcado para meados de 2009. A **poodle**, F., é do casal, adquirida há nove anos. F. morou quatro anos com ele, dois anos com ela e há três moram todos juntos. Coursou uma faculdade por seis meses, mudou de curso, após dois anos, mudou de faculdade, porém continuou no mesmo curso. No

presente momento, está finalizando este curso, encontra-se no penúltimo ano do ensino superior.

- Segundo sujeito: K.N.G. – 23 anos. – Seus pais são separados, há dezenove anos. Mora com a mãe, o marido dela, C., o irmão de 25, T., a irmã de 1, J., e seu **beagle** de 5, D. Namora há dois anos e oito meses com o L. Está cursando o último ano do ensino superior e decidiu que, para finalizar este ciclo, após a formatura, viajará para fora do país.

Instrumento de coleta:

Solicitei relato de vivência dos sujeitos frente seu relacionamento com seus animais de estimação. O relato de vivência é um método fenomenológico de investigação da vivência, que busca o retorno à experiência vivida e uma reflexão profunda sobre ela, para captar o significado dessa vivência para a pessoa. Isto permite a análise de formas concretas de existência.

Realizei entrevista semi-dirigida, após o relato de vivência, para esclarecer aspectos não contidos no discurso anterior das entrevistadas, necessários para a análise do estudo – as mudanças, consequentes da relação, no dono e no animal; o relacionamento tátil; os sentimentos; e as percepções.

Fiz uso de gravador, com o consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, e o registro integral do relato, ouvindo a gravação quantas vezes foram necessárias, para um registro completo e satisfatório.

Os relatos de vivência dos sujeitos estão integralmente transcritos nos anexos I e II.

Local de coleta:

As coletas de dados foram realizadas em ambientes tranquilos, silenciosos e pouco movimentados, para que não houvesse interferências externas, na gravação e na concentração das entrevistadas.

A coleta do primeiro sujeito, C.R.M., foi realizada em uma sala, da clínica psicológica Ana Maria Poppovic da PUC-SP. Onde sentamo-nos de frente uma para a outra, com uma mesa ao lado, onde o gravador estava apoiado.

A coleta do segundo sujeito, K.N.G., foi realizada em sua própria residência, em seu quarto. Onde sentamo-nos na cama e o D. deitou-se, um pouco afastado de nós, em cima de um cobertor dobrado para ele, na cama.

Pretendia fazer ambas as coletas de dados nas residências dos sujeitos, com a presença de seus cães, para estimulá-los durante o relato e para possibilitar, também, a observação da relação destes com seus cães. Porém, com o primeiro sujeito isto não foi possível.

Tratamento dos dados:

Conforme Forghieri (2004), o método fenomenológico na investigação da vivência compreende: o envolvimento existencial e o distanciamento reflexivo.

O primeiro requer que o pesquisador abstraia-se de seus conhecimentos sobre o assunto, para assim penetrar na vivência, que pretende investigar, de modo espontâneo, experiencial e profundo, fazendo surgir intuição, percepção, sentimentos e sensações, proporcionando uma compreensão global da vivência pesquisada.

O segundo requer do pesquisador o distanciamento da vivência, o qual lhe possibilitará uma reflexão para tentar compreender, detalhadamente, o sentido e o significado daquela vivência pesquisada. Porém o afastamento não deve ser completo, é necessário que sempre se mantenha uma ligação, “para que a enunciação descritiva da mesma seja a mais próxima possível da própria vivência” (Forghieri, 2004, p. 61).

Esses dois momentos são inter-relacionados e reversíveis, pois deve-se voltar a esses momentos diversas vezes, para uma melhor análise e enunciação descritiva.

Os dados coletados serão lidos a partir do referencial fenomenológico-existencial, por considerar de extrema importância a compreensão dos mundos de uma pessoa, para a compreensão do ser humano, para a busca do ser. Isto vai de encontro com este trabalho, pois o objetivo é compreender as relações das pessoas com seus mundos de inter-relacionamento e de auto-relacionamento.

RESULTADOS

– Entrevista do primeiro sujeito (C.R.M.)

No relato do primeiro sujeito, percebe-se a importância das relações de toque no convívio com sua cadelinha, F., pois um terço do relato se refere a esse tema. Durante o relato o sujeito utiliza muitas palavras referentes a toque, tais como: contato, próximo, aconchego, companhia, cuidado, troca. Foi possível perceber no decorrer do relato um certo brilho nos olhos, uma emoção muito forte, ao falar sobre seu vínculo com sua cachorrinha. Ao final, C. estava com os olhos cheios d'água: “é... acho que é isso... dá vontade de chorar, só... é emocionante...” (sic). Foi possível observar as palavras de Montagu (1971), sobre o quanto a pele “é espelho de nossas paixões e emoções” (p. 30).

C. relata também que faz massagem na F. quando esta está doente: “faço massagem nela, quando ela tem gases ou uma tosse, (...) é muito próximo, assim... o contato com ela... vive no meu pescoço, no meu colo, dependendo de onde eu estou, do meu lado... sempre encostada em mim, agora estou fazendo drenagem, ela fica olhando, assim pra mim, aí quando eu viro de costas ou alguma coisa assim, ela fica em cima da minha roupa, então... sempre está... alguma coisa assim, muito próximo” (sic). Conta que a cadelinha dorme todos os dias com o casal: “não deixo ela dormir na casa dos meus pais, não, que eu fico com saudades, geralmente ela fica com o corpo entre eu e o meu noivo e a cabecinha no meu travesseiro, aí quando ela acorda, ela coloca a patinha no meu rosto, fica me lambendo, aí vai um pouco com o meu noivo e fica lá, com a gente, sempre com a gente”(sic).

Esta fala aponta a importância dessa relação para C., como é profundo e essencial esse contato. Tanto a dona quanto a cadelinha procuram por essa proximidade. Pode-se dizer que a relação, o vínculo, é baseado nesta troca tátil, na estimulação corpórea mútua. Este relato apresenta uma necessidade de estarem juntas, como se, caso isso fosse

impossibilitado, o mundo delas seria abalado, fazendo crer que é uma necessidade instintiva e primária para todos os animais sociais, como diz Fuchs (1997).

Quando questiono sobre como C. se sente nessas relações de toque, ela conta emocionada, revelando outra afirmação de Fuchs (1997), que o contato estabelece apoio, conforto e prazer. “Ah, é ótimo! é muito aconchegante, (...) é só felicidade, é muito aconchego, é muito, é... sei lá... é uma relação de amor, assim, de troca, ela faz companhia também, é um amor muito grande, pra mim é como se fosse uma pessoa, não faço distinção, não, eu sinto como se fosse uma troca mesmo, sabe, eu cuidar dela... ela me dá alguma coisa, me dá companhia, o companheirismo... ela me dá o amor que ela tem, tudo, e eu dou o amor pra ela, eu me sinto, assim...” (sic).

É claramente visível a percepção que C. tem de si mesma, de seus sentimentos em relação ao seu animal, ela os nomeia e os enche de si, ela está comunicando-se com o seu eu interior, com o seu mundo próprio. Na definição de May (1993), *eigenwelt* é o mundo próprio, no qual o indivíduo pode estar consciente de si mesmo, é o modo como encheria a realidade e percebe o significado do mundo para si.

É importante apontar que “*o mundo é uma estrutura de relacionamentos importantes na qual uma pessoa existe*” (May, 1993, p. 135). A existência portanto é condicionada pelas influências que operam no ser e pela forma como este reage a elas. E há no relato a menção de que o mundo do auto-relacionamento (*eigenwelt*) está presente no mundo do inter-relacionamento (*mitwelt*). Porém, não podemos considerar esta relação como *mitwelt*, pois *mitwelt* é uma relação entre seres semelhantes e estamos falando de um relacionamento de um cachorro com um ser humano. Portanto falaremos aqui de um *mitwelt* estendido ao mundo animal, pois a entrevistada se dirige a cachorrinha como uma pessoa, uma filha: “pra mim é como se fosse uma pessoa, não faço distinção, não” (sic); “tenho preocupação, assim... de mãe, eu acho, e o meu noivo de pai, assim... tanto que a gente fica ‘vem aqui com a mamãe, vem... vai lá com o papai’, a gente se nomeia pais” (sic); “eu fui morar com o meu noivo, aí a gente levou ela junto, foi um passo pra nossa familiazinha...” (sic).

É através do relacionamento com F. que C. tem a percepção de si mesma. Como May (1993) afirma, o relacionamento é um processo que permite, através do contato, que dois seres se percebam mutuamente. A cadelinha possibilita o papel de mãe para C., pela fragilidade e ingenuidade que aparenta ter. Considerando-se mãe de F., C. cria uma relação de dependência, apesar de no início do relato dizer que escolheu a F. por sua independência: “o que me chamou atenção nela, foi que ela pulou da caixinha, estavam todos os cachorrinhos numa caixinha, ela pulou, foi beber água e voltou, assim, super independente” (sic), depois ela mesma se assusta com a dependência da cachorrinha por ela: “eu até fiquei meio com medo, de tão dependente que ela é de mim” (sic).

Mas é essa dependência que faz C. entrar em contato com seu mundo próprio: “eu me sinto, assim... como se ela fosse... dependente de mim e eu precisasse cuidar dela, sabe, por isso que eu acho que tem essa coisa de filha, tal, então, ela não tem mais ninguém pra cuidar dela, gostam dela, tudo, mas pra cuidar mesmo, sinto que eu que sou a responsável” (sic). Enquanto ela se relaciona com a cachorrinha desenvolve sua própria auto-estima pois, percebendo-se tão necessária, toma para si essa responsabilidade, se auto-valoriza e torna-se importante.

F. revela-se como a salvadora da pátria, que oferece um sentido de vida para C., o sentido de ser-mãe: “acho que até aflorou, assim, um pouco o instinto maternal, assim sabe, eu tenho preocupação (...) é muito uma preocupação de mãe, assim, parece sabe... é uma... acho que aflorou isso, sabe, porque com os outros cachorros que eu tinha antes, também tinha os meus pais, então eu queria sair, assim, eu nem... nem me preocupava, hoje eu tenho que me preocupar, onde que eu vou deixar ela, pra ela não ficar sozinha” (sic).

Podemos perceber, no entanto, através do relato de C., que o *mitwelt* está um pouco restrito. Esperávamos que a relação com o cachorro pudesse melhorar a qualidade da relação da dona com outras pessoas, porém isto não foi observado no relato. No entanto, as relações apresentadas tiveram uma melhora qualitativa. C. mostra-se como uma pessoa que tem relações bi-pessoais, não inter-pessoais, e do modo como ela se relaciona, houve sim

um crescimento qualitativo, pois o relato apresenta um desenvolvimento favorável no relacionamento com seu noivo – eram namorados, passaram a morar juntos, agora estão prestes a casar – e F. fez parte desta trajetória.

Mesmo a relação de C. com a F. teve um desenvolvimento qualitativo, pois, como C. relata, é uma relação de puro amor: “ah... ela é linda, não tenho como expressar o tamanho do amor, assim, sabe, que tem, (...) mas é indescritível, assim, o carinho... dá vontade de cuidar, acho que é muito puro, sabe, assim, o amor...”. Relembrando as palavras de Montagu (1971), a estimulação tátil é fundamental para desenvolver relacionamentos emocionais e afetivos saudáveis, pois é através do contato afetivo que a pessoa sente-se segura, satisfeita e amada. Pois é através do toque que se aprende a amar.

C., em seu relato, sugere um aspecto da relação com animais, o qual inicialmente fazia parte dos objetivos desse trabalho, que diz respeito à necessidade de religar-se à natureza. A intenção seria verificar se existe essa necessidade humana, causada pelo distanciamento de suas raízes primitivas, e se através da relação com o cachorro, o ser humano sentia essa ligação concretizando-se novamente. Este aspecto também está relacionado a um dos mundos que May (1993) nos apresenta, o *umwelt*, que é o mundo circundante, o mundo natural, afirmando que a indiferença do homem do século XX em relação ao mundo natural, está trazendo sofrimento e angústia.

Alguns autores falam dessa ligação com a natureza, como algo nato do ser humano. Páramo & Mejía (2004) observaram crianças no Central Park e perceberam que os animais são o maior vínculo entre o homem e a natureza e consideram nata a atitude humana de aproximação de elementos da natureza, para refletir sobre as vantagens adaptativas dessa interação. Já Fuchs (1997) é mais direta ao dizer que essa relação afetivo-emocional, de relação tátil irrestrita, que o homem encontrou no cão de estimação, é a ponte mais usada pelo ser humano para religar-se à natureza.

C. aponta sua necessidade de estar próxima aos animais, “eu tinha dois cachorros, que ficavam na casa dos meus pais, aí eu comecei a namorar e meio que abandonei os

outros cachorros, que eu que cuidava deles, aí eu sentia muita falta de um cachorro ficar com a gente” (sic), “então, sempre tive contato muito próximo com animais, assim, bem próximo mesmo, deles ficarem achando que eu sou a dona, que eu sou a mãe, assim então, pra onde eu vou eles iam atrás” (sic).

Estas falas podem estar sinalizando que aquele questionamento era plausível.

– Entrevista do segundo sujeito (K.N.G.)

O segundo sujeito mostrou-se emocionada por relembrar a relação que mantém com seu cão. No final do relato ela diz: “até emociona... deixa eu enxugar a lágrima” (sic). No relato, percebe-se a importância do toque, por um quinto de sua fala estar relacionada a este aspecto. Mas o que mostra maior relevância é a transformação que ocorre no mundo de K.

K. sofria de pânico de cachorro, “deixava de ir em churrasco, deixava de ir em casa de amiga, em casa de... quando viajei lá na Grécia, não andava na rua, porque lá tem muito cachorro” (sic). Decidiu adquirir um cachorro, acreditando que tal aquisição iria solucionar este problema. E foi o que aconteceu. Com esta transformação, os três mundos de K. (eigenwelt, mitwelt e umwelt) sofreram alteração, pois estão todos relacionados entre si, fazem parte de um mesmo e único mundo.

Quase todo seu discurso sobre o toque foi dito de uma única vez, como um desabafo: “no começo, não tinha muito toque, né, porque afinal, eu tinha medo” (sic). Apesar de apresentar todo este medo, foi como um alívio tocar o seu cão: “minha mãe só fez assim ‘tó, segura’, né, aí... acho que foi o primeiro contato, que eu tive assim... com ele, né... sentou no meu colo, tal, aí desde então, eu adorava ficar com ele, sentado... a gente ficava no computador, ele no meu colo... o pêlo dele é uma delícia, eu sempre gostei, então, sempre ficava passando a mão nele, nas orelhas... meu, eu morde essas orelhas, né, minha mãe acha um nojo, mas eu morde mesmo, boto na boca, tenho foto e tudo mais... aí, aí, sei lá, sempre foi assim, sempre foi de muito carinho” (sic).

K. mostra que tocar é algo instintivo, nato, pois no primeiro dia que estava com seu cachorro, ao invés de chamar alguém para ajudá-la, como havia feito antes, mesmo tendo medo do D., ela reagiu rápido e colocou a mão em sua boca, para retirar uma pedra que ele iria engolir: “eu ainda joguei uma bolinha pra ele, ele não conhecia a casa, ele bateu a cabeça, aí ele chorava, chorava... que a bolinha entrou embaixo do armário e ele foi no armário, aí eu chamava meu irmão ‘vem cá, o D. está chorando’, não podia encostar, não sei que, né, aí eu descii pra passear com ele, ele nem podia, mas a gente não sabia, né, nunca

tive cachorro, né, eu queria passear com ele, aí eu descii... ele comeu uma pedra, aí eu peguei da boca dele a pedra, não sei como, o que que deu na minha cabeça, eu peguei da boca dele a pedra” (sic).

Conta que gosta de estar sempre na companhia do D. e sempre acariciando-o, deitam juntos, ele a acompanha ao banheiro e até chegaram a dormir juntos embaixo das cobertas. Mas parou com este costume, pois descobriu, com exames que a mãe fez para engravidar, que pode pegar doenças: “é que esquenta a perna, é tão gostoso, ele deita aqui, assim (atrás dos joelhos), muito bom... até sexta-feira passada, estava um super frio... e eu estava com muita dor de cabeça, né, aí eu chamei ele, ele veio, deitou aqui, eu falei ‘ah, que delícia’ (...) antes, se eu deitava aqui, ele ia colocar o focinho na minha perna, no mínimo, alguma coisa tem que estar encostada, mas agora fica com essa divisão, né, cobertor e ele... que antes não tinha, né, antes não... agora ele até pede pra subir na cama” (sic).

Fuchs (1997) diz que a estimulação corpórea é instintiva, como pudemos perceber na fala de K. Barreto (2002) afirma que a pessoa está em busca de um vínculo de amor incondicional, sem limites, sem barreiras. Esta relação com o D. trouxe conforto, aconchego e força para K., aspectos que surgiram a partir do contato com o outro. K. fala de suas mudanças: “várias, oh, não tenho mais medo de cachorro, né (...) ah, muito bom, dá mó sensação de poder, assim, de você perder o medo de uma coisa” (sic).

Aqui entramos nas transformações do seu mundo próprio (eigenwelt), que começou na primeira interação de K. com o D. Ela diz ter se sentido calma, quando a mãe o soltou pela primeira vez: “ele já veio cheirando a casa inteira, nem parou pra me cheirar, aí foi muito estranho, porque não tive o mesmo medo que eu tinha de outro cachorro, sabe, porque parecia que eu já sabia que era meu” (sic), esta fala já apresenta o poder que ela sente por ter a noção de propriedade do seu cão.

Com a posse, vem também o compromisso: “eu sinto muito isso, sabe, de... não sei, parece um compromisso, assim, não porque ele é um cachorro, não é um cachorro que tem lá... mas eu fico muito preocupada” (sic), o compromisso trás a preocupação, o cuidado,

que K. apresentou no primeiro contato que tiveram, retirando a pedra da boca do D. Este vínculo acaba fazendo emergir a mãe interior: “até falo pra J., que o bebê mais lindo é o D., depois vem ela, porque ele é muito lindo (risos), é o meu bebê, até falo pra minha mãe, eu falava muito ‘ele nasceu desse ventre, aqui!’, eu falava pra ela (risos) ‘meu filho!’” (sic), “o que eu sinto pela J. eu sinto por ele, porque eu sei que uma vez minha mãe falou ‘você compara tudo a J. com o D.’ e eu comparo mesmo, tipo ‘ah, o D. também faz isso’, então eu acho que é um filho mesmo” (sic).

“eu fico preocupada, aí, quando ele fica doente, chorava também, e eu chorava, as orelhas vinham parar aqui em baixo e o rabo não levantava, tal... e a gente foi dar soro, eu segurei as patinhas dele, né, aí eu comecei a passar mal, porque ele, né, estava mal também, não ficava em pé, tal... então tem muita preocupação (...), aí o veterinário falou ‘pode ir embora, porque se você continuar aqui, você vai começar a chorar’, porque eu não estava aguentando ver ele daquele jeito, aí eu fui embora também, deixei ele lá... mas não sei, eu sinto muito isso, fica o amor, a preocupação...” (sic). Também podemos perceber neste relato o *mitwelt* estendido ao mundo animal, pois nesta relação está ocorrendo a percepção do outro, a percepção de sentimentos, sensações e emoções. A capacidade de interpretar o outro vem da evolução adaptativa da relação homem-cão.

K. passou por uma transformação tão intensa, durante a relação com o D., que imaginar a separação, mesmo que temporária, está sendo muito difícil para ela: “Oh, uma coisa que eu penso muito em relação a morar fora, é como é que vai ser sem o D. e como vai ser o D. sem eu, tipo, eu fico muito assim ‘ah, tadinho, será que ele vai surtar’, sabe, ou, eu sei que quando eu viajo, minha mãe fala, que ele dorme na porta do meu quarto e quando eu chego aqui, às vezes está quentinho, eu sei que ele dormiu” (sic), “mas eu não vivo sem o D., não gosto de pensar em ficar sem ele, não só viajar, mas se morrer, alguma coisa assim, não posso pensar” (sic).

D. mudou a vida da K., principalmente no que diz respeito ao seu mundo de relações (*mitwelt*): “nossa, agora eu chego numa casa, quero ver o cachorro da casa... isso foi ótimo (...) e... nossa, comecei a fazer coisas que eu não fazia antes, quando voltei pra

Grécia ano passado, retrasado, andei na rua sossegada, sem problema com cachorro (...), mas comigo o que mais mudou, é que o medo me limitava muito, que nem eu falei, não ia em casa de gente que tinha cachorro... e agora eu chego e quero saber ‘cadê o cachorro, você tem cachorro, posso ver, ele é bravo, pode passar a mão?’, né, pra mim foi muito bom, (...) ah, e é muito bom você estar passeando com seu cachorro e todo mundo ‘ah, como seu cachorro é lindo’ ‘obrigada, é meu!’, é sempre... é bom, sabe, pra mim, é uma coisa que fez muito bem, o D. fez muito bem” (sic).

Agora ela consegue relacionar-se melhor com as pessoas, até com seus familiares, por causa do vínculo que foi estabelecido com o D.: “eu tinha muito medo, muito, meu pai comprou um... um cocker, um cocker, não, um... poodle uma vez, eu parei de ir na casa dele... não, e ontem, eu estava vendo umas fotos do meu pai, o tamanho do cachorro era... juro, era da palma da minha mão e eu não ia na casa dele ou ia e ficava trancada no banheiro... coisa assim, trancada no banheiro, sabe, tipo... e na casa da minha vó, ela também teve um cocker, eu também me trancava, passava a tarde inteira no banheiro, vê se pode...por isso que às vezes eu fico ‘nossa, tenho um cachorro’, sabe...” (sic), “eu gosto quando a gente vai em casa, assim, de outras pessoas, sei lá, da minha vó, e que ele vai, vai com todo mundo, né, afinal, interesse é com ele mesmo, mas aí no final ele vem e senta do meu lado, sabe, depois que ele brincou, depois que ele viu todo mundo, ele senta do meu lado” (sic).

É possível perceber também, no relato de K., o desenvolvimento do aspecto relacionado ao religar-se à natureza, que faz parte do mundo natural (umwelt): “nunca gostei muito de gato também, mas agora até que eu estou, né, com outros animais também começou a aproximar mais, minha tia tem gato, então comecei a... ‘oi, gato’, aquelas coisas mais assim” (sic), “agora eu sou totalmente pró cachorro, né, tipo, tem que ter cachorro, se não tem é infeliz, tem que ter um cachorro... até estava falando com o L., ontem eu falei ‘que cachorro que a gente vai ter, quando a gente casar?’, ele ‘não, a gente não vai ter’, eu falei ‘não, você já me avisa, porque se não vai ter cachorro, vamos pensar se a gente vai casar’ (risos), e ele ‘mas você quer tanto um cachorro?’ ‘não agora, lógico, quando eu sair de casa, porque a pessoa quando mora sozinha, é difícil ter cachorro, mas

assim que a gente estabilizar, vamos ter um cachorro', né, se Deus quiser eu vou estar numa casa, que dá pra deixar no quintal" (sic).

K. sentiu necessidade de aproximar-se de outros animais, de ter animais por perto num futuro próximo, brincando que o cachorro é mais importante do que o próprio namorado e deseja morar numa casa com quintal, o que apresenta, além do elemento animal, também o elemento vegetal do mundo natural, "parece uma criança, né, que descobriu o mundo animal" (sic).

DISCUSSÃO

Percebe-se que ambos os relatos referem-se às relações de toque e sua repercussão, em diferentes níveis, nos três mundos dos sujeitos.

Observa-se que as estimulações corpóreas das entrevistadas com seus animais de estimação possibilitaram a elas maior percepção de sensações, de sentimentos e maior consciência corporal. May (1993) refere-se ao relacionamento como algo essencial para existência do ser, pois é através deste que dois seres percebem-se mutuamente. Esta compreensão de si permite a comunicação da pessoa com seu eu interior e estimula a ampliação de consciência do mundo próprio, apresentando uma melhora qualitativa na auto-estima dos sujeitos.

Observa-se nos relatos dos sujeitos, o quanto a relação tátil-afetiva com seus cães de estimação contriuiu para o enriquecimento de seus mundos próprios: alegria, felicidade, realização, troca, aconchego, companhia, auto-confiança, carinho, conforto, amor, poder, força. “eu fiquei mó feliz que ela ficava mais tempo comigo” (sic C.); “ah, é ótimo! é muito aconchegante, (...) a F. é... é sempre coisa boa, (...) é só felicidade, é muito aconchego, é muito, é... sei lá... é uma relação de amor, assim, de troca, ela faz companhia também, é um amor muito grande” (sic C.); “ah, eu amo o D., não tem como não amar, olha a carinha dele...” (sic K.); “dá mó sensação de poder, assim, de você perder o medo de uma coisa, assim, né... e... nossa, comecei a fazer coisas que eu não fazia antes, (...) pra mim foi muito bom, foi muito... é... não sei como falar, mas me deixou mais forte, sabe, (...) é bom, sabe, pra mim, é uma coisa que fez muito bem, o D. fez muito bem” (sic K.).

No entanto, é possível perceber algo que emergiu no mundo próprio de ambas as entrevistadas: a mãe interior. “mas com ela, ah... não sei, acho que até aflorou, assim, um pouco o instinto maternal” (sic C.); “a gente fica ‘vem aqui com a mamãe, vem... vai lá com o papai’, a gente se nomeia pais” (sic C.); “é o meu bebê, até falo pra minha mãe, eu falava muito ‘ele nasceu desse ventre, aqui!’, eu falava pra ela (risos) ‘meu filho!’” (sic K.); “o que eu sinto pela J. eu sinto por ele, (...) então eu acho que é um filho mesmo” (sic K.).

Porém este processo é diferente em cada sujeito. Apesar do vínculo a um animal possibilitar o desenvolvimento da maternagem, o nível do desenvolvimento pode diferir por conta do momento de vida de cada um. C. encontra-se na fase de formar uma família: “eu fui morar com o meu noivo, aí a gente levou ela junto, foi um passo pra nossa familiazinha...” (sic). Então sua maternagem é mais focada, com o objetivo de criar raízes. C. sente-se necessária e única cuidadora, pegando para si a responsabilidade por F.: “eu me sinto, assim... como se ela fosse... dependente de mim e eu precisasse cuidar dela, sabe, por isso que eu acho que tem essa coisa de filha, tal, então, ela não tem mais ninguém pra cuidar dela, gostam dela, tudo, mas pra cuidar mesmo, sinto que eu que sou a responsável” (sic).

Diferente de K., que está finalizando um ciclo, indo morar fora do país, buscando independência. Seu objetivo não é firmar bases, então sua maternagem difere da de C., pois no momento precisa delegar um outro que seja também cuidador: “ninguém sai, ele nunca fica sozinho, ele fica muito pouco sozinho, então minha mãe vai sair ‘deixa que eu fico em casa’ pra ele não ficar sozinho ou eu vou sair, minha mãe fica pra ele não ficar sozinho...” (sic) “às vezes me jogam na cara ‘ah, faz tal coisa que o cachorro é seu, leva pra tomar banho’, agora eu arranjei uma pessoa que faz tudo isso, não tem problema, essas partes mais chatas... chatas que eu digo é: passear e levar pra tomar banho, né... certo que antes eu levava, mas agora com a faculdade não dá... e com o namorado também, né” (sic).

A mãe que emerge em cada uma é diferente, porém ambas apresentam preocupação e cuidado: “eu queria passear com ele, aí eu descii... ele comeu uma pedra, aí eu peguei da boca dele a pedra, não sei como, o que que deu na minha cabeça, eu peguei da boca dele a pedra” (sic K.); “então tem muita preocupação, fui levar pra tirar os tártaros dele, tenso também, depois que coloca a anestesia, ele começa a dormir, né, começa a ficar sonolento, aí o veterinário falou ‘pode ir embora, porque se você continuar aqui, você vai começar a chorar’, porque eu não estava aguentando ver ele daquele jeito” (sic K.); “eu tenho preocupação, quando vai pra rua com a empregada, da empregada não estar segurando ela direito na coleira, porque ela é toda agitada, então eu tenho medo que ela vá pro meio da rua, seja atropelada, alguma coisa assim” (sic C.); “às vezes, ela tinha que ficar sozinha...

sozinha, a gente colocava focinheira, pra ela não comer a casa, então ela sofria muito com aquela focinheira, e aí, eu pedi pra minha mãe pra ela ficar na casa da minha mãe” (sic C.).

Levanto, então, a hipótese de que o enriquecimento do mundo próprio estimula a ampliação do mundo de relacionamentos ou ao menos a qualidade das relações afetivo-emocionais.

Observa-se que C. apresenta uma melhora qualitativa na relação com seu noivo, na qual F. teve participação quase que integral nessa trajetória. Já no relato de K., pode-se perceber que o desenvolvimento de seu mundo de relacionamentos apresentou um avanço expressivo: “o medo me limitava muito, que nem eu falei, não ia em casa de gente que tinha cachorro” (sic); “deixava de ir em churrasco, deixava de ir em casa de amiga, em casa de... quando viajei lá na Grécia, não andava na rua, porque lá tem muito cachorro” (sic); na casa da avó e do pai, trancava-se no banheiro por causa dos cachorros, mas agora ela consegue relacionar-se: “agora eu chego e quero saber ‘cadê o cachorro, você tem cachorro, posso ver, ele é bravo, pode passar a mão?’, né, pra mim foi muito bom, (...) ah, e é muito bom você estar passeando com seu cachorro e todo mundo ‘ah, como seu cahorro é lindo’ ‘obrigada, é meu!’, é sempre... é bom, sabe, pra mim, é uma coisa que fez muito bem, o D. fez muito bem”

Os relatos também sugeriram a necessidade de religar-se à natureza, como Fuchs (1997) também afirma, que o animal é a ponte mais usada pelo homem para este encontro. O desejo dos sujeitos de manterem um animal sempre presente em suas vidas, pode sinalizar que o cão, por ser parte da natureza, é potencialmente intermediário dessa ligação.

Pode-se levantar uma outra questão aqui, a TAA, que tem como objetivo promover saúde física, social, emocional e/ou funções cognitivas, o que pôde ser observado no relato de K., D. foi adquirido para solucionar o pânico de K., no entanto, também ajudou na socialização e desenvolvimento emocional da entrevistada. Podemos dizer, então, que o cão é um objeto intermediário para o conhecimento e o fortalecimento da estrutura egóica.

CONCLUSÃO

Este trabalho pretendia verificar se o homem, através do vínculo com seu cão e suas relações de toque com este, conseguia melhorar a qualidade de suas relações afetivas, tanto com os outros e quanto consigo mesmo.

Como foi discutido anteriormente, o mundo de auto-relacionamento sofreu transformações a partir das estimulações corpóreas do sujeito com seu cão, melhorando a percepção e a consciência do si-mesmo, assim como o mundo de inter-relacionamentos, apresentou transformações, tanto nas relações já apresentadas, quanto no aumento do círculo de relações do sujeito.

No entanto, a quantidade de sujeitos e o gênero, foram restritos. Talvez um outro estudo, com maior número de sujeitos, o resultado não fosse o mesmo ou poderia apresentar outros elementos que não surgiram nesta pesquisa. O fato dos sujeitos participantes serem do sexo feminino, pode ter influenciado o aspecto da maternagem. Se a pesquisa tivesse como participantes sujeitos do sexo masculino, a questão do cuidar poderia ser diferente e outros dados poderiam manifestar-se.

O aspecto que diz respeito ao religar-se à natureza não foi confirmado com as informações que obtivemos nos relatos, porém um outro estudo, com este enfoque, poderia apresentar novos elementos que evidenciassem a ligação com as raízes primitivas.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre. Protocolo de pesquisa: 107/2008.

“Acredito que os animais são para nós inspiradores de sentimentos mais refinados, que através de sua conduta nos ensinam como viver melhor e com mais qualidade de vida. Obviamente minha opinião está fundamentada pela minha própria experiência e pelos diversos exemplos e histórias de tantas outras pessoas que puderam estabelecer fortes laços de amizade com seus animais.

“Também acredito que aqueles que ainda não tiveram essa experiência poderão um dia vivenciá-la de forma plena, colocando sua atenção nesses seres.

(...)

“Se começarmos a utilizar nossa razão lógica aliada à compreensão de processos interiores do homem, levando em consideração suas necessidades psicológicas e afetivas através dessa relação com os animais, teremos feito grandes progressos e estaremos assinando um tratado de altíssimo nível de sabedoria com os seres de outras escalas. Essa relação se expandirá e poderá nos levar em direção a outras interpretações da vida.

(...)

“Há muito tempo temos encontrado nos animais de companhia uma relação que está muito além de nossa infância. Essa inter-relação nos acompanha desde o início do mundo, fazemos parte de um universo que se interpenetra com os nossos amigos de outros reinos. E essa união nos proporciona aspectos tão positivos que às vezes nem sabemos medir, mas sentimos com o corpo, coração e mente.

“Essa inter-relação que o homem vem recuperando gradativamente está espalhada por todo o país e pelo mundo. Estamos recolhendo as possibilidades de infinita grandeza que esses seres nos proporcionam. Talvez esse ciclo criado pela natureza seja uma indicação de perfeição, é a comunhão de todos os seres, vivendo em sintonia, com respeito e dignidade.”

- Jerson Dotti, *Terapia & Animais*, 2005, p.12-13.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, M. S. E. P. M. *Um Amor Incondicional?: O Significado Da Relação Homem-Animal De Estimação*. São Paulo, 2002. 76p. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- CERQUEIRA, Patrícia. Amigo Bicho. *Crescer*. São Paulo, p. 54-64, abril de 2007.
- CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. (1982). *Dicionário De Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 22 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- DOTTI, Jerson (2005). *Terapia & Animais*. São Paulo: PC Editorial, 2005.
- DELARISSA, Fernando Aparecido & MATTIOLI, Olga Ceciliato. *Objetos De Amor. Mente&Cérebro*. São Paulo, p. 56-61, fevereiro de 2007.
- FORGHIERI, Yolanda Cintrão (1993). *Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas*. 4 ed. reimpr. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- FUCHS, Hannelore. In: CONGRESSO INTERAMERICANO DE PSICOLOGIA, 1997, São Paulo. *Um Toque a Quatro Patas*. São Paulo: matrix. 1997. Disponível em: <<http://fla.matrix.com.br/jung/revista/hannelore.htm>>. Acesso em: 30 de abril de 2007.
- LANTZMAN, Mauro. *O Cão E Sua Família: Temas De Amor E Agressividade*. São Paulo, 2004. 259p. Tese de Doutorado – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- MANNA, R. E. *O Animal De Estimação: Elemento Transicional No Cotidiano Terapêutico*. São Paulo, 1996. 59p. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- MAY, Rollo (1983). *A Descoberta Do Ser: Estudos sobre a Psicologia Existencial*. 3 ed. Rio de Janeiro. Rocco, 1993.
- MONTAGU, Ashley (1971). *Tocar: O Significado Humano Da Pele*. 3 ed. rev. São Paulo: Summus, 1988.
- PARÁMO, P. & MEJÍA, M. A. Los Parques Urbanos Como Oportunidades Para La Interacción De Los Niños Con Los Animales. *Revista Latinoamericana de Psicología*. v. 36, n. 1, p. 73-84, 2004.
- TEIXEIRA, Jerônimo. Amigos Até Que A Morte Nos Separe. *Veja*. São Paulo, p.68-76, 24 de janeiro de 2007.

ANEXOS

Anexo I

Entrevista de C.R.M.

Idade: 27 anos

Sexo: feminino

Aquisição do cão: 9 anos

Nome do cão: F. (fêmea)

Raça: Poodle

– Como foi a aquisição?

“Eu tinha dois cachorros, que ficavam na casa dos meus pais, aí eu comecei a namorar e meio que abandonei os outros cachorros, que eu que cuidava deles, aí eu sentia muita falta de um cachorro ficar com a gente, aí, depois de um ano de namoro, eu falei ‘ah, vamos ter uma cachorrinha nossa?’, como eu não podia ter na casa dos meus pais, aí eu falei ‘vai ter que ficar na sua casa!’, a mãe dele topou e... aí a gente procurou na internet e fomos achar a F. em Mogi das Cruzes, num sítio... morava com bodes lá, aí a gente comprou, adoramos, eu vi... o que me chamou atenção nela, foi que ela pulou da caixinha, estavam todos os cachorrinhos numa caixinha, ela pulou, foi beber água e voltou, assim, super independente, meu namorado não queria fêmea, mas foi a que eu tinha mais gostado, então eu falei ‘não, vai ser essa!’ e ele se apaixonou por ela, e... e a gente que cuidava.”

– Querida que você relatasse sobre o relacionamento que você tem com a F. e contar como você se relaciona com ela: como você se sente, como você percebe essa relação com ela, os toques, as mudanças que aconteceram, tanto na aquisição, quanto durante a relação.

“Então, sempre tive contato muito próximo com animais, assim, bem próximo mesmo, deles ficarem achando que eu sou a dona, que eu sou a mãe, assim então, pra onde eu vou eles iam atrás, tal e... aí, com a F. foi a mesma coisa, eu que dava comidinha, eu que catava

as necessidades, eu até fiquei meio com medo, de tão dependente que ela é de mim, assim... ela não fica sozinha em casa, ela até fica com outra pessoa, mas ela não dorme, não fica quieta, fica olhando pra porta, e aí, quando eu chego, ela fica... nossa! preciso de uns cinco minutos pra ela se acalmar de novo e... faço massagem nela, quando ela tem gases ou uma tosse, alguma coisa assim, eu já fico toda preocupada, vou lá, converso, falo 'que que foi, que que você tá sentindo?' é muito próximo, assim... o contato com ela... vive no meu pescoço, no meu colo, dependendo de onde eu estou, do meu lado... sempre encostada em mim, agora estou fazendo drenagem, ela fica olhando, assim pra mim, aí quando eu viro de costas ou alguma coisa assim, ela fica em cima da minha roupa, então... sempre está... alguma coisa assim, muito próximo e... mas com ela, ah... não sei, acho que até aflorou, assim, um pouco o instinto maternal, assim sabe, eu tenho preocupação, quando vai pra rua com a empregada, da empregada não estar segurando ela direito na coleira, porque ela é toda agitada, então eu tenho medo que ela vá pro meio da rua, seja atropelada, alguma coisa assim, então, é muito uma preocupação de mãe, assim, parece sabe... é uma... acho que aflorou isso, sabe, porque com os outros cachorros que eu tinha antes, também tinha os meus pais, então eu queria sair, assim, eu nem... nem me preocupava, hoje eu tenho que me preocupar, onde que eu vou deixar ela, pra ela não ficar sozinha, se ela não pode ficar com a minha mãe, porque minha mãe vai fazer alguma coisa, eu tenho que deixar com outra pessoa e... se essa outra pessoa vai cuidar direito, tanto é que eu fico muito preocupada de deixar com a mãe do meu noivo, porque ela mora num prédio muito grande, às vezes eles ficam com raiva de ter cachorro latindo, colocam carne com veneno debaixo da porta, já teve história disso lá no prédio, fiquei morrendo de medo, então eu sempre evito deixar lá, eu prefiro deixar com os meus pais, tem os outros cachorros lá... tenho preocupação, assim... de mãe, eu acho, e o meu noivo de pai, assim... tanto que a gente fica 'vem aqui com a mamãe, vem... vai lá com o papai', a gente se nomeia pais, assim, né."

– E como foi a relação de vocês? Antes, quando ela ficava na casa do seu namorado. Como foi esses nove anos na relação?

“Então, no início ela ficava com... na casa do meu noivo, eu sentia muita falta dela, eu só ia dormir em casa, ficava todo tempo que eu pudesse lá na casa dele, até porque lá a gente

tinha mais liberdade pra gente, e aí, chegou uma hora que seria difícil ela continuar ficando lá, estava muito enrolado essa coisa de... aí tem que deixar ela em algum lugar, a mãe dele trabalhava à noite, então, às vezes, ela tinha que ficar sozinha... sozinha, a gente colocava focinheira, pra ela não comer a casa, então ela sofria muito com aquela focinheira, e aí, eu pedi pra minha mãe pra ela ficar na casa da minha mãe, foi depois de uns quatro anos, aí minha mãe relutou um pouco, mas aceitou e eu fiquei mó feliz que ela ficava mais tempo comigo, né, eu não precisava ficar indo lá na casa do meu noivo, e aí, depois de uns dois anos, que ela estava morando na casa da minha mãe, eu fui morar com o meu noivo, aí a gente levou ela junto, foi um passo pra nossa familiazinha... e hoje ela fica lá com a gente, antes de sair de casa... ele vai trabalhar, eu vou pra faculdade, a gente deixa lá, deixa ela na casa da minha mãe e, à noite, quando a gente volta pra casa, a gente busca ela pra dormir junto, porque tem que dormir junto, mesmo que eu vá pra balada, chegue três horas da manhã, eu passo na casa da minha mãe e pego ela, não deixo ela dormir na casa dos meus pais, não, que eu fico com saudades, geralmente ela fica com o corpo entre eu e o meu noivo e a cabecinha no meu travesseiro, aí quando ela acorda, ela coloca a patinha no meu rosto, fica me lambendo, aí vai um pouco com o meu noivo e fica lá, com a gente, sempre com a gente, às vezes a gente vai lá, acorda, vai se arrumar, tudo... ela ainda fica lá, na cama, dormindo mais um pouquinho, e aí, quando a gente está pronto, aí ela vai fazer xixi... fica pronta pra sair.”

– E como é que é isso? Você contou que ela está sempre com você, no seu pescoço, no seu colo, dorme com você, te lambe, como que é isso pra você, estar em relação direta com ela, nessa relação de toque?

“Ah, é ótimo! é muito aconchegante, eu estava conversando até com a minha terapeuta, quanto que eu trago problema de todo mundo, às vezes estou chateada com alguém, mas nunca trouxe algum problema da... da F., a F. é... é sempre coisa boa, às vezes tem alguma preocupação... que ela já está ficando mais velha, então, às vezes ela tem uma gripinha ou alguma coisa assim, quando não é isso, é só felicidade, é muito aconchego, é muito, é... sei lá... é uma relação de amor, assim, de troca, ela faz companhia também, é um amor muito grande, pra mim é como se fosse uma pessoa, não faço distinção, não, eu sinto como se

fosse uma troca mesmo, sabe, eu cuidar dela... ela me dá alguma coisa, me dá companhia, o companheirismo... ela me dá o amor que ela tem, tudo, e eu dou o amor pra ela, eu me sinto, assim... como se ela fosse... dependente de mim e eu precisasse cuidar dela, sabe, por isso que eu acho que tem essa coisa de filha, tal, então, ela não tem mais ninguém pra cuidar dela, gostam dela, tudo, mas pra cuidar mesmo, sinto que eu que sou a responsável, tal, então, como se fosse uma pessoa pra mim.”

– Como ela é? Como você descreve ela?

“Ah, ela é fofinha (risos), ela tem o... o... ela é muito bonita, assim, porque o cachorro do meu vizinho, tem o narizinho rosa, rosa, não, preto, né, e o dela é rosa, quando ela fica com sono, ela fica com a pele toda rosa, assim, em volta do olho, assim, e ela tem o pelo compridinho... branquinho e eu sempre coloco lacinho nela, toma banho toda semana e está ficando mais gordinha agora, depois que ela tirou o útero, porque teve que tirar o útero, porque ela tava tendo gravidez psicológica todo mês, então, agora ela está ficando mais gordinha, tenho que dar mais frutas pra ela, do que muita ração, ela gosta muito de fruta e, ah... ela é linda, não tenho como expressar o tamanho do amor, assim, sabe, que tem, acho que eu só vou saber o que que é mais, quando tiver um filho mesmo, porque fala, né, porque traz outras coisas, outras coisas na relação, mas é indescritível, assim, o carinho... dá vontade de cuidar, acho que é muito puro, sabe, assim, o amor... é... acho que é isso... dá vontade de chorar, só... é emocionante...”

Anexo II

Entrevista de K.N.G.

Idade: 23 anos

Sexo: feminino

Aquisição do cão: 5 anos

Nome do cão: D. (macho)

Raça: Beagle

– Como foi a aquisição?

– “Então, eu sempre tive medo de cachorro, medo de chegar a pular na rua pra fugir do cachorro, aí... eu já tinha pensado em comprar um cachorro, aí comecei a fazer terapia, falei ‘bom, agora se não acabar o medo, vou fazer aquelas terapias de pânico’, que eu tinha visto na tv uma vez, falei ‘agora chega, preciso parar’, porque deixava de ir em churrasco, deixava de ir em casa de amiga, em casa de... quando viajei lá na Grécia, não andava na rua, porque lá tem muito cachorro, não dava, por causa de cachorro... então falei ‘tenho que perder o medo’, aí a gente decidiu comprar, aí foi da noite pro dia, sei lá, a gente falou ‘vamos comprar o cachorro?’ ‘vamos’, aí estava em dúvida entre o beagle e o cocker, foi uma decisão... é que minha mãe, é meio assim também, né... quando ela quer comprar, ela compra, né... então a gente viu na internet, eu lembro até que no dia, eu fui na casa de uma amiga minha, que tinha cachorro, eu perguntei pra ela, que ela tinha... a prima dela tinha um beagle... e ela falou pra não pegar um beagle, que ia acabar com a minha casa, não sei que, mas a gente tinha decidido... já meu irmão queria um labrador, em fim, no fim, pegou o que eu queria mesmo, que era o beagle, e aí, entramos na internet... tinha uma mulher vendendo um filhote, foi super barato, então a gente falou ‘é esse’, e aí, ela... minha mãe foi pegar, aí eu fiquei aqui em casa esperando, eu tinha ido almoçar, eu lembro que cheguei aqui, tremia de nervoso, que eu morria de medo... aí minha mãe ligou, acabou a bateria do celular dela, eu entrei em desespero, porque eu queria saber como é que ele era, não sei

que, até que toda vez que eu escutava barulho do elevador, eu tremia, suava frio, né... que eu estava com muito medo, aí na hora que ele chegou, ele já não era pequenininho, de pegar na mão, né, porque tinha, acho que... pra mim ele tinha uns quatro meses, mas a mulher falou que tinha dois e ele ficava aqui na minha mãe (no colo, apoiado nos ombros), sabe, bem grande assim, aí minha mãe ‘ah, posso soltar?’, né, falei ‘é, uma hora vai ter que soltar’, aí soltou, ele já veio cheirando a casa inteira, nem parou pra me cheirar, aí foi muito estranho, porque não tive o mesmo medo que eu tinha de outro cachorro, sabe, porque parecia que eu já sabia que era meu, então não adiantava eu ter medo... então minha mãe soltou ele, ele andou pela casa, fiquei sossegada, aí os outros dias foi mais complicado, mas foi passando o medo, tanto é que agora ele está aí, né, e o nome também foi... ‘que nome vai dar?’, aí falei ‘ah, D.’, porque tinha um desenho, que eu gostava... gostava assim, assistia de vez em quando, mas eu falei ‘quero ter um cachorro chamado D.’, aí teve uns probleminhas... aí, né, que... meu irmão, que não decidiu, minha mãe, que falou ‘ah, agora já cadastrei D.’, que ela que foi pegar, então ela cadastrou, aí ficou D. mesmo... e... é isso.”

– Quería que você relatasse sobre o relacionamento com ele: como vocês se relacionam, como você se sente, como são as relações de toque, as mudanças que aconteceram. A história de vocês.

– “Assim... no começo, não tinha muito toque, né, porque afinal, eu tinha medo, mas foi assim... eu lembro que depois... a primeira vez que eu encostei nele foi... ele chegou num sábado, foi no domingo à noite, assim, sabe, tipo, bem com medo, assim, bem delicado (com a ponta do dedo), ah, não, eu ainda joguei uma bolinha pra ele, ele não conhecia a casa, ele bateu a cabeça, aí ele chorava, chorava... que a bolinha entrou embaixo do armário e ele foi no armário, aí eu chamava meu irmão ‘vem cá, o D. está chorando’, não podia encostar, não sei que, né, aí eu desci pra passear com ele, ele nem podia, mas a gente não sabia, né, nunca tive cachorro, né, eu queria passear com ele, aí eu desci... ele comeu uma pedra, aí eu peguei da boca dele a pedra, não sei como, o que que deu na minha cabeça, eu peguei da boca dele a pedra, né, aí todo mundo ‘nossa, então já perdeu o medo’, tal, mas não, não ficava muito perto, assim... e aí, de noite, a gente tinha levado na... na casa de uma amiga da minha mãe, lá, a tia do C., pra, pra conhecer... na ida ele foi no colo do C., na

volta, o C. não morava aqui, então ele tinha que voltar no meu colo, minha mãe só fez assim 'tô, segura', né, aí... acho que foi o primeiro contato, que eu tive assim... com ele, né... sentou no meu colo, tal, aí desde então, eu adorava ficar com ele, sentado... a gente ficava no computador, ele no meu colo... o pêlo dele é uma delícia, eu sempre gostei, então, sempre ficava passando a mão nele, nas orelhas... meu, eu mordo essas orelhas, né, minha mãe acha um nojo, mas eu mordo mesmo, boto na boca, tenho foto e tudo mais... aí, aí, sei lá, sempre foi assim, sempre foi de muito carinho, aí quando ele começou a crescer, começou a ficar mais pesado, né, eu sempre quis cachorro pra pegar no colo, né, mas não adiantou, ele não, ah, ele fica bastante, assim, deitado... fico passando o pé nele, no momento que ele está longe, junto, sempre que dá, o que for... ele entra às vezes no banheiro comigo, fico lá só pra ele ficar quieto, passar a mão, assim... eu chego em casa, vou falar oi pra ele, nem tchum, não tem como, tipo... apesar de que é de agora, ele está meio chato, ele rosna, você vai lá na cama dele, ele rosna, né, eu vou lá 'oi, cheguei', saio, mas aí, era sempre, antes tinha mais, assim... de ficar com ele, é que agora com a J., mudou um pouco as coisas na casa mesmo, tipo, aqui ele sobe na cama, mas antes, ele subia no sofá também, ele sempre dormiu comigo, debaixo da coberta... agora ele não dorme mais... já faz um ano, quer dizer... dois, né, porque quando minha mãe engravidou, ela começou a vetar um pouco, por causa da gravidez, que tinha uns... umas doenças, que podia passar e tal, mas ele dormia comigo, embaixo da coberta, tudo... é que aí, eu descobri, que minha mãe pegou uma doença dele, não sei se você conhece, mas... que não se manifestou nela, né, ela descobriu com os exames da gravidez, então, aí eu fiquei um pouco com medo, né, vai saber se eu peguei também, não peguei, não faço grandes coisas, só não entra mais embaixo, porque ele entrava embaixo do lençol mesmo, é que esquenta a perna, é tão gostoso, ele deita aqui, assim (atrás dos joelhos), muito bom... até sexta-feira passada, estava um super frio... e eu estava com muita dor de cabeça, né, aí eu chamei ele, ele veio, deitou aqui, eu falei 'ah, que delícia', porque esquenta, né, e ele sempre foi assim, de dormir, é que agora ele está mais independente, por causa dessas coisas, desses últimos anos... mas ele estava deitado na cama, ele não estava assim (um pouco afastado), ele estava encostado em alguém... antes, se eu deitava aqui, ele ia colocar o focinho na minha perna, no mínimo, alguma coisa tem que estar encostada, mas agora fica com essa divisão, né, cobertor e ele... que antes não tinha, né, antes não... agora ele até pede pra subir na

cama, antes ele não pedia, eu estava aqui, ele já subia, é que minha mãe também tem usado muito meu quarto, à noite, quando eu não durmo aqui, ela... a J. chora, ela vem pra cá, então ela não gosta de saber, que ele está deitando, mas aí foi isso, nesse último ano, ele não está... apesar de que eu tentei aumentar... que estava diminuindo, com a minha mãe grávida, tal, esse ano tentei voltar, aumentar, porque eu vejo que ele está muito carentão... assim, tipo, ele nem fica aqui tanto quanto antes, fica aqui no meu quarto, na hora de dormir, sai, não aparece aqui de madrugada, antes aparecia... de manhã ele já bate na porta, mas... nada de... tipo, antes ele ficava muito mais aqui, agora ele não fica, então eu tenho que dar, assim, mas eu vejo que... ele nem quer também, sabe... mas é muito bom ter porque, tipo, nessa sexta aí que eu lembro que eu estava morrendo de dor de cabeça, não tinha ninguém em casa, mas estava ele comigo, sabe, tem alguém comigo, né... o L. até não gosta, fala 'ai, tira esse bicho de cima da cama', eu falo 'meu, você não estava aqui até agora, quem estava comigo era ele!', né, então... acho que rola até ciúmes, né... eu falo que ele adora o D., só que ele não fala, mas... não sei, tipo... é muito bom, às vezes eu fico me perguntando 'nossa, eu tenho um cachorro', não me perguntando, mas, né, 'eu tenho um cachorro', porque eu nunca ia imaginar, quem me conhece... tem gente que não me vê faz tempo e quando sabe que eu tenho um cachorro, fala 'você, com cachorro?'... porque... eu tinha... eu tinha muito medo, muito, meu pai comprou um... um cocker, um cocker, não, um... poodle uma vez, eu parei de ir na casa dele... não, e ontem, eu estava vendo umas fotos do meu pai, o tamanho do cachorro era... juro, era da palma da minha mão e eu não ia na casa dele ou ia e ficava trancada no banheiro... coisa assim, trancada no banheiro, sabe, tipo... e na casa da minha vó, ela também teve um cocker, eu também me trancava, passava a tarde inteira no banheiro, vê se pode...por isso que às vezes eu fico 'nossa, tenho um cachorro', sabe... e aí ele fica... e eu acho ele tão lindo... aquela cara dele, assim (amassadinha), sabe, às vezes ele fica parado olhando pra mim, ahhh meu Deus... 'sou um cachorro' (voz infantil), mas eu adoro... só que, fazer cocô e andar, aí eu já arranjei gente, né, a moça vai lá e passeia com ele todo dia, porque aí não dá, porque ele puxa demais... tinha que adestrar, aí eu ia nas aulinhas, ninguém ia, por isso que falo que o cachorro é meu, né... lá ia eu nas aulas com ele de manhã, ele obedecia no começo, agora é só 'senta', 'dá a pata', com comida na mão, né, mas... essa foi a trajetória do D., às vezes eu nem acredito que ele está aqui, sabe... é muito bom"

– Como você se sente? Quais são seus sentimentos em relação a ele, a relação de vocês?

– “Oh, uma coisa que eu penso muito em relação a morar fora, é como é que vai ser sem o D. e como vai ser o D. sem eu, tipo, eu fico muito assim ‘ah, tadinho, será que ele vai surtar’, sabe, ou, eu sei que quando eu viajo, minha mãe fala, que ele dorme na porta do meu quarto e quando eu chego aqui, às vezes está quentinho, eu sei que ele dormiu, então eu sinto muito... tipo, eu sinto muito isso, sabe, de... não sei, parece um compromisso, assim, não porque ele é um cachorro, não é um cachorro que tem lá... mas eu fico muito preocupada, assim ‘ah, e aí, o que que vai acontecer?’... eu sei que tem uns dias, que você fala ‘ah, deixa ele’, né... ninguém sai, ele nunca fica sozinho, ele fica muito pouco sozinho, então minha mãe vai sair ‘deixa que eu fico em casa’ pra ele não ficar sozinho ou eu vou sair, minha mãe fica pra ele não ficar sozinho... e às vezes cansa, fala ‘ah, deixa ele’, né, mas eu a maioria das vezes não consigo, sempre é ‘ah, coitado’... acabou a luz ontem, fui correndo ver o D. e ele lá dormindo, lá na cama dele, e eu ‘ai, o D. está sozinho na cozinha’ e o L. ‘e daí, meu’, falei ‘ah, não, vou trazer ele pra cá’, trouxe ele pro quarto, ele não estava nem aí porque a luz acabou (risos), mas eu trouxe, sabe... mas não sei... o que eu sinto, eu sinto muita saudade dele, quando eu viajo ‘e o D.?’ , sempre, a primeira coisa que eu pergunto... até falo pra J., que o bebê mais lindo é o D., depois vem ela, porque ele é muito lindo (risos), é o meu bebê, até falo pra minha mãe, eu falava muito ‘ele nasceu desse ventre, aqui!’, eu falava pra ela (risos) ‘meu filho!’, mas não sei, eu penso muito nele, assim, como... ah, não sei, sentimento assim... ah, eu amo o D., não tem como não amar, olha a carinha dele... acho que às vezes ele não me ama, porque ele rosna pra mim, mas eu amo ele (risos)... agora preocupação muito, assim, tipo, outro dia tinha uma cachorra no cio ele chorou o dia inteiro, juro, a gente cansou, mas o dia inteiro, dormindo, assim, ele estava chorando... você fica meio assim, sem saber o que fazer, né, e vai, não sei que, não tem, né... eu fico preocupada, aí, quando ele fica doente, chorava também, e eu chorava, as orelhas vinham parar aqui em baixo e o rabo não levantava, tal... e a gente foi dar soro, eu segurei as patinhas dele, né, aí eu comecei a passar mal, porque ele, né, estava mal também, não ficava em pé, tal... então tem muita preocupação, fui levar pra tirar os tártaros dele, tenso também, depois que coloca a anestesia, ele começa a dormir, né, começa a ficar

sonolento, aí o veterinário falou ‘pode ir embora, porque se você continuar aqui, você vai começar a chorar’, porque eu não estava aguentando ver ele daquele jeito, aí eu fui embora também, deixei ele lá... mas não sei, eu sinto muito isso, fica o amor, a preocupação... o que eu sinto pela J. eu sinto por ele, porque eu sei que uma vez minha mãe falou ‘você compara tudo a J. com o D.’ e eu comparo mesmo, tipo ‘ah, o D. também faz isso’, então eu acho que é um filho mesmo, às vezes eu deixo ele de lado, mas no final é ‘ah, o D. fez isso, ah, o D. fez aquilo’... e agora eu sou a defensora dele, porque, tipo, minha mãe às vezes fala ‘ah, deixa o D. na casa da tia do C.’ e aparece agora a primeira oportunidade, eles levam o D., eu fico p. da vida, falo ‘não, deixa ele aqui’, sabe, fico cuidando, eu sei que ele gosta, já que é casa, tal, mas... quando ele volta ele fica muito quieto, muito cansado e enfim, sei lá... lógico, tira ele de uma casa pra ficar no apartamento, ele não... fica o dia inteiro alí deitado, não faz nada... mas acho que é isso, minha relação com o D. é essa, tipo ‘ué, olha o D.’, às vezes me jogam na cara ‘ah, faz tal coisa que o cachorro é seu, leva pra tomar banho’, agora eu arranjei uma pessoa que faz tudo isso, não tem problema, essas partes mais chatas... chatas que eu digo é: passear e levar pra tomar banho, né... certo que antes eu levava, mas agora com a faculdade não dá... e com o namorado também, né, que com ele, às vezes o L. fecha a porta e ele fica batendo lá, eu abro, agora minha cama é grande ‘vai, deixa eu por o D. aqui’ e ele ‘não, não’ mas eu ‘vou deixar’, eu pego uma mantinha ele deita lá... ah, sei lá, é isso, o D. é filhote, pra sempre... sempre com essa cara, todo mundo acha que ele tem cara de filhote, então, filhote, né... agora, isso em relação a ele, agora a nossa relação, que você falou, não sei se respondi já, isso é a relação minha pra ele, né, a nossa acho... acho ótima... eu gosto quando a gente vai em casa, assim, de outras pessoas, sei lá, da minha vó, e que ele vai, vai com todo mundo, né, afinal, interesse é com ele mesmo, mas aí no final ele vem e senta do meu lado, sabe, depois que ele brincou, depois que ele viu todo mundo, ele senta do meu lado, quando eu levanto, ele levanta e vem atrás, nem que seja só pra passear, ele vem atrás, então, sei lá, a relação é boa, todo mundo fala ‘ah, ele já sabe que a mãe dele vai não sei que’... é isso, queria mais um, mas não pode, né, mas sabe, um companheiro pra ele, não dá, né... aí minha mãe deu uma irmã, né (risos), que também vai ser companheira dele, já pega ele, tal, mas ele não... não gosta muito, não”

– Que mudanças você percebe?

– “Desde de quando o D. apareceu? hum... quando o D. apareceu na minha vida, várias, o D., várias também, sei lá... mudanças dele já falei, tipo, que ele está bem mais sozinho, bem mais, né... tipo, carentão, por causa da minha irmã, mas ao mesmo tempo ele está mais velho também, então sempre falaram, que beagle era independente, que uma hora ele ia ser independente, né, e eu vejo que ele é mesmo, tipo, se ele não quer ficar com a gente ele não fica... mas... e ele está com uns... então, ele vai fazer seis, agora no começo do ano, então ele está mais rabugento, está chegando a dele, ele já não quer mais nada, mas também, né, joga a bolinha, ele pega a bolinha uma vez, já não quer mais, então essas coisas que a gente brincava bastante, cansava até, mas a gente brincava, mas agora ele não... isso é mudança dele, mas mudança minha com ele, também já falei, esse ano, eu estou tentando ser mais do que era antes, porque eu sei que ele está mais carentão, tipo, ele não ficava tanto tempo aqui como ele fica agora... nem no começo, a caminha dele ficava até aqui no quarto, mas ele não ficava, ele ficava lá na cozinha e ficava sentado esperando alguém trazer a cama, né, aí, eu já levava de volta ‘tá bom, não quer dormir lá, dorme aqui’, mas agora ele tem ficado muito aqui, eu deixo, porque eu sei que ele está carente, mas... minha mudança foi essa, passei um período sem, sem muito contato assim, e agora, agora já estou, estou voltando mais, e eu sei que, essa viagem vai acabar comigo, outro dia eu estava pensando isso também, já falei que, tipo, vai ser difícil sem ele, ah, mas é isso... o namoro diminuiu um pouco também, mas quando ele não está aqui eu tento... suprir... e é isso e ele também ficava mais pela casa inteira, né, agora ele não fica... então tem essas mudanças assim que... tipo, dele mudar, mudou muito tudo, você vê que mudou, ele só deita no chão ou aqui... dá pra ver muita mudança, todo mundo fala que ele está bem mais... quieto, sabe... antes ele ficava... na mesa pedindo comida, apesar de que ele nunca subiu na mesa, nada... a mulher que falou pra mim, que ele ia acabar com a minha casa, nunca comeu nada, só meu armário mesmo, mas nunca fez nada, mas agora ele nem isso, né, tipo, ele... você vai jantar, ele fica deitado lá... a única coisa que ele começou a fazer foi xixi, no banheiro... já faz um tempo, quando minha mãe engravidou, que ele começou a fazer... e no quarto do meu irmão... então, tipo, teve umas brigas em casa por causa disso, e eu sempre ‘não, não briga com ele’, porque eu li muita coisa de adestramento, tal, né, que eu queria tudo perfeitinho, então...e

tinha aqueles negócios que não adianta brigar depois, né... mas eu sei que essa foi uma mudança, porque ele nunca fez xixi fora do jornal, que como ele veio, ele já veio grande, ele já sabia fazer xixi no jornal... então foi a única mudança, assim, que... todo mundo falou ‘ué, o que que aconteceu?’, e ele fez, outro dia ele fez, sexta-feira, mas eu sei que foi de alegria, sei lá, a gente chegou em casa, ele estava sozinho o dia inteiro... aí estava todo, todo e... foi fazer xixi, fez no banheiro... aí eu fui limpar sem ninguém ver, só que eu tive que tirar o tapete, tal, e acho que todo mundo viu que ele fez... meu primo veio me avisar como se fosse um segredo ‘olha, o D. fez xixi no banheiro’ ‘ah, já vou limpar’, porque assim ninguém vê, ninguém reclama... porque o D. é muito obediente, se você fala ‘vai pra sua cama’, ele vai, sabe, então eu sabia que iam brigar com ele, então eu já fui, limpei, ninguém falou nada, só falaram ‘ah, então tem que voltar a deixar a porta fechada’, sempre ficou aberta, agora está ficando fechada... mas foi isso, mudança mesmo, foi mais esse ano, nesses dois anos, minha com ele e ele como cachorro”

– E mudanças em você?

– “Em mim, várias, oh, não tenho mais medo de cachorro, né, nossa, agora eu chego numa casa, quero ver o cachorro da casa... isso foi ótimo, né... ah, muito bom, dá mó sensação de poder, assim, de você perder o medo de uma coisa, assim, né... e... nossa, comecei a fazer coisas que eu não fazia antes, quando voltei pra Grécia ano passado, retrasado, andei na rua sossegada, sem problema com cachorro, nunca gostei muito de gato também, mas agora até que eu estou, né, com outros animais também começou a aproximar mais, minha tia tem gato, então comecei a... ‘oi, gato’, aquelas coisas mais assim, mas comigo o que mais mudou, é que o medo me limitava muito, que nem eu falei, não ia em casa de gente que tinha cachorro... e agora eu chego e quero saber ‘cadê o cachorro, você tem cachorro, posso ver, ele é bravo, pode passar a mão?’, né, pra mim foi muito bom, foi muito... é... não sei como falar, mas me deixou mais forte, sabe, assim, porque medo é uma coisa, mas que leva a outras, né, e... ah, e é muito bom você estar passeando com seu cachorro e todo mundo ‘ah, como seu cahorro é lindo’ ‘obrigada, é meu!’, é sempre... é bom, sabe, pra mim, é uma coisa que fez muito bem, o D. fez muito bem, mas eu ia falar outra coisa que eu esqueci... mas é isso, em mim o que mais mudou, foi isso... o medo, né, às vezes eu escuto umas

brincadeiras do meu pai, principalmente ‘ah, agora você gosta de cachorro, antes tinha medo’, não sei que, sabe, mas... acho que é mais pra dar umas alfinetadas, sabe, mas eu não ligo, porque... agora não estou nem aí, porque antes eu escutava ‘nossa, você pulou de bang-jump e tem medo de cachorro’, ‘você foi não sei o que e tem medo de cachorro’, mas eu falo ‘não tem nada a ver uma coisa com a outra’, porque quando eu perdi o medo, escutei muita coisa assim, que eu era fresca, que eu podia me matar, porque eu me jogava na rua mesmo, pra não passar perto... mas foi bom, meio que para as pessoas olharem e falarem ‘e agora, né, tem medo do que?’ né, ‘você não tinha medo de nada antes, agora tem medo do que?’, não que eu não tinha, tenho, né, mas as pessoas viam assim, só tem medo de cachorro, então acho que foi bom até pra isso também, né... mas, sei lá, agora eu sou totalmente pró cachorro, né, tipo, tem que ter cachorro, se não tem é infeliz, tem que ter um cachorro... até estava falando com o L., ontem eu falei ‘que cachorro que a gente vai ter, quando a gente casar?’, ele ‘não, a gente não vai ter’, eu falei ‘não, você já me avisa, porque se não vai ter cachorro, vamos pensar se a gente vai casar’ (risos), e ele ‘mas você quer tanto um cachorro?’ ‘não agora, lógico, quando eu sair de casa, porque a pessoa quando mora sozinha, é difícil ter cachorro, mas assim que a gente estabilizar, vamos ter um cachorro’, né, se Deus quiser eu vou estar numa casa, que dá pra deixar no quintal, sem problemas, se quer sair, né, porque eu sou totalmente contra em deixar em hotelzinho, essas coisas, né, mas eu sei que às vezes a gente precisa, né... o D. uma vez só ficou na pet shop esperando eu buscar ele do banho, e chorava, quando eu peguei ele, que eu vi que ele tremia, assim, sabe, de ficar sozinho, eu sei que é costume, mas como ele não tinha... mas eu falei, tem que ter cachorro, sim, né, você acha... tenho até nome pro meu cachorro, tenho vários nomes pra vários cachorros... e é isso, tipo, essas foram as grandes diferenças, acho, meu pai deu o cachorro, logo que eu comprei o D., não sei porque, eu nunca tive a oportunidade de ver o cachorro que eu tinha medo, né (risos), mas foi engraçado, tiveram umas situações engraçadas na minha vida, quase fui mordida por cachorro... parece uma criança, né, que descobriu o mundo animal, mas as minhas mudanças são essas... mas eu não vivo sem o D., não gosto de pensar em ficar sem ele, não só viajar, mas se morrer, alguma coisa assim, não posso pensar... é isso, se eu te respondi tudo... até emociona... deixa eu enxugar a lágrima”